



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

ISABELA BRANDIZZI NOVAES

**A MORAL E O DESVIO NA REPRESENTAÇÃO DO PADRE NA LITERATURA
OITOCENTISTA LUSO-BRASILEIRA**

**BRASÍLIA
2023**

ISABELA BRANDIZZI NOVAES

**A MORAL E O DESVIO NA REPRESENTAÇÃO DO PADRE NA LITERATURA
OITOCENTISTA LUSO-BRASILEIRA**

Artigo científico apresentado como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Letras - Português pela Universidade de
Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia da Silva

**BRASÍLIA
2023**

A MORAL E O DESVIO NA REPRESENTAÇÃO DO PADRE NA LITERATURA OITOCENTISTA LUSO-BRASILEIRA

Isabela Brandizzi Novaes¹
20 de dezembro de 2023

RESUMO

O padre é uma personagem emblemática da literatura luso-brasileira. No século XIX, em especial, ele foi representado diversas vezes como um indivíduo transgressor da moral católica vigente. Utilizando *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, e *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, como objetos de estudo, o presente artigo busca relacionar a personagem padre e os conceitos de moral, desvio e culpa na literatura oitocentista luso-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Moral. Desvio. Literatura. Padre;

SUMÁRIO:

**INTRODUÇÃO. 1 - CONTEXTO HISTÓRICO. 2 - ANÁLISE DAS OBRAS.
CONSIDERAÇÕES FINAIS**

¹ Aluna do curso de Letras - Português da Universidade de Brasília (UnB).

INTRODUÇÃO

A figura do padre na literatura é uma das mais emblemáticas na literatura mundial. Principalmente nos séculos XVIII e XIX, com a temática eclesiástica em voga, muitas obras o têm como personagem central e, muitas das vezes, ele é um padre transgressor da moral vigente.

Com a forte ascensão dos ideais da Segunda Revolução Industrial e do anticlericalismo, o final do Romantismo no Brasil e o final do Realismo em Portugal foram marcados por obras que já não mostravam o amor idealizado pela donzela indefesa, mas buscavam retratar da forma mais fiel possível as nuances da personalidade dos personagens.

Assim, embora a presença da Igreja ainda fosse muito forte e dominante, começaram a surgir personagens religiosos que contrariavam a moral e os costumes estabelecidos para aquele meio específico.

O presente trabalho busca discutir por que esse tema era tão popular à época, como esses padres transgrediam a moral e a relação deles com a culpa pelo pecado.

Faz-se um comparativo entre *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, e *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz. Essa escolha se dá porque, embora de momentos literários e locais distintos, as duas obras foram produzidas com um pequeno intervalo de tempo uma da outra, e representam o desvio moral de formas distintas. As obras serão analisadas sob a ótica da sociologia do desvio, de Howard Becker (2008) e dos conceitos de moral e culpa. Espera-se no fim estabelecer-se a relação que as obras têm entre si e entre os conceitos acima mencionados.

I CONTEXTO HISTÓRICO

Publicado em 1872, *O Seminarista* faz parte da terceira geração do Romantismo brasileiro. Já *O Crime do Padre Amaro*, embora publicado apenas três anos depois, por ser europeu (avançado esteticamente em relação ao Brasil) e pelo seu conteúdo, é considerado o primeiro livro do Naturalismo português. Mesmo de períodos estéticos distintos, a

comparação entre as obras é válida, uma vez que o contexto histórico religioso-social era muito parecido nos dois países.

Embora publicados em países diferentes, os dois livros se assemelham no tema e na forma com a qual o abordam. Isso porque, à época, o questionamento da moral religiosa era muito popular: até mesmo os padres, símbolos da Igreja Católica, foram representados de forma mais realista, com qualidades e defeitos. É o começo do anticlericalismo, movimento que viria a ficar mais forte durante o Naturalismo (década de 1880), e do ataque aos falsos valores.

1.1 O PADRE COMO PERSONAGEM

Gil Vicente e Gregório de Matos foram os primeiros autores a trazerem o padre real como personagem para a literatura luso-brasileira, embora tenha sido Alexandre Herculano o primeiro romancista a colocá-lo como protagonista do romance. Muitos autores, como o próprio Eça de Queiroz, também colocaram em suas obras os padres ideais, com todas as características adequadas à Igreja, mas o foco do Dezenove foi, realmente, a crítica ao padre concubinado. Parte dessa aversão aos dogmas eclesiásticos vem da cientifização do Dezenove, pois “a partir da década de 1870, o Brasil sofre grande influência das constantes transformações econômicas e sociais que ocorrem no mundo e também no país, há nesse momento um crescimento em prol da cientificidade das produções intelectuais” (Leite, 2016, p. 128). O destaque à ciência dá à literatura oitocentista uma característica de estudo social, e, por consequência, um afastamento dos ideais da Igreja Católica.

Por conta desse rompimento com os valores estabelecidos, uma forma de classificar os personagens principais dos romances analisados é como anti-heróis. Nas palavras de Adriano Portela (2014),

quando a personagem é caracterizada com uma moralidade aprovada socialmente, dizemos que se trata de um herói; mas quando a moralidade é reprovada pela sociedade, temos então um anti-herói. [...] essa classificação se dará justamente em dependência da sociedade em que está inserido o texto literário. Os valores dessa sociedade é que servirão de parâmetro de heroicidade (Portela, 2014, pp. 22-23)

Assim, por irem contra a moral vigente, tanto social quanto religiosa, Eugênio e Amaro, personagens principais das obras analisadas, podem ser considerados anti-heróis em suas respectivas histórias.

O anticlericalismo, ao contrário do que possa parecer, não foi apenas um movimento contra a Igreja pura e simplesmente. Segundo Cristian Santos (2010),

O anticlericalismo oitocentista, longe de se reduzir a uma mera ideologia negativa, opositora aos valores cristãos e, particularmente, católicos, foi uma matriz de movimentos, de ideias políticas que se manifestaram fortemente na organização de grupos, nas manifestações culturais, na literatura e na imprensa. De fato, o fenômeno anticlerical desse período deve ser entendido como um vasto campo de ideias, em certos casos conflitivas, manifestas em escritos de natureza científica, ficcional e jornalística, numa dinâmica viva frente às mentalidades e sensibilidades do período histórico em questão. (Santos, 2010, p. 20)

Assim, não se deve creditar a origem do movimento anticlerical apenas às questões civis ou religiosas, mas sim às “pretensões políticas do positivismo, somadas às teorias científicas da época” (*ibidem*, p. 34).

Portela estabelece ainda duas vertentes do movimento anticlerical. A primeira, interna, “realiza uma crítica à infidelidade dos clérigos ao compromisso de celibato e à ganância pelos bens materiais, como incompatíveis com a moral cristã” (Portela, 2014, p. 42). A segunda, externa, faz uma crítica à busca da Igreja Católica por “manipular a nação, as famílias e os indivíduos, através do ensino religioso, do sacramento da confissão e dos seus dogmas; bem como os próprios postulados teológicos, que vão sendo contestados à luz dos avanços científicos do Dezenove” (*ibidem*, p. 42). É perceptível, nos romances analisados, a presença das duas vertentes, ainda que o foco seja na primeira.

II ANÁLISE DAS OBRAS

2.1 A MORAL

Para falar de como os personagens transgridem a moral, é mister que, primeiramente, defina-se a palavra. Segundo o dicionário Michaelis, a moral pode ser definida como um conjunto de valores e regras sociais que norteiam o comportamento e o pensamento das pessoas daquele grupo específico em determinada época. Michael Sandel (2014), utiliza as ideias de Kant para tratar da moral de uma maneira mais filosófica, mas que ainda se pode aplicar ao caso que será analisado:

De acordo com Kant, o valor moral de uma ação não consiste em suas consequências, mas na intenção com a qual a ação é realizada. O que importa é o motivo, que deve ser de uma determinada natureza. O que importa é fazer a coisa certa porque é a coisa certa, e não por algum outro motivo exterior a ela. [...] Para que uma ação seja moralmente boa, “não basta que ela se *ajuste* à lei moral - ela deve ser praticada *em prol* da lei moral.” [...]... Está simplesmente observando que, quando avaliamos o valor moral de uma ação, estamos avaliando o motivo pelo qual ela é praticada, e não suas consequências. Se agirmos por qualquer outro motivo que não seja o dever, como o interesse próprio, por exemplo, nossa ação não terá valor moral. Isso se aplica, segundo Kant, não apenas ao nosso interesse próprio, mas também a qualquer tentativa de satisfazer nossas vontades e preferências, nossos desejos e apetites. (Sandel, 2014, pp. 143 - 144)

Para este artigo, consideram-se as normas estabelecidas pela Igreja Católica no século XIX, principalmente o celibato, assim como as regras sociais da burguesia oitocentista, tradicionalmente machista e conservadora. Os tipos de padre aqui expostos não são desviantes morais “apenas pela falta contra a disciplina do celibato eclesiástico, mas também por causa da infração contra a prescrição burguesa do matrimônio”, e ocupam um “não-lugar perante os valores dominantes do Oitocentos; sua prática amorosa está fora dos paradigmas” (Portela, 2014, p. 61). As ações de um indivíduo que não são condizentes com os paradigmas sociais impostos pela maioria detentora do poder naquele meio específico são chamadas de desvios.

2. 2 O DESVIO

Segundo Becker (2008), o desvio não é o ato em si cometido pela pessoa, mas o fato de ele ter sido punido pela sociedade que estipulou a regra. Portanto, o desvio nem sempre é um comportamento negativo, como os crimes (que, mais uma vez, são estabelecidos pelo código social e de conduta de cada sociedade), mas pode ser qualquer ato diferente da norma estabelecida. Assim, para saber se um ato é desviante, deve-se observar não só o ato em si, mas também quem o cometeu, em quais circunstâncias e como a sociedade reage a ele. Sendo assim, essa análise deve ser feita com cuidado, pois não é um processo infalível e nem homogêneo. A pessoa desviante fica conhecida por Becker como *outsider*, por estar fora dos padrões de determinada regra.

Sabendo que a personagem Padre foi representada nas duas obras analisadas neste artigo como sendo imoral, mesmo que cada um à sua maneira, cabe-se analisar em que sentido essas personagens foram desviantes da moral vigente, e como se deu o sentimento de culpa após suas ações.

Na primeira obra, *O Seminarista* (2004), publicada originalmente em 1872, Bernardo Guimarães apresenta Eugênio, um menino “de uma índole pacata, doce e branda” (p. 21). Crescendo na fazenda do pai, Eugênio tinha como melhor amiga de infância Margarida, dois anos mais nova, que morava com sua mãe em um pedaço de terra cedido pelo pai do protagonista. Eugênio

revelava ainda na infância juízo e sisudez superior à sua idade; tinha inteligência fácil e boa memória. Além disso, mostrava grande pendor para as coisas religiosas. Seu principal entretenimento, depois de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante desse oratório, o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente cômica. (Guimarães, 2004, p. 37)

Por isso, seus pais logo viram que não poderiam desperdiçar o que acreditavam ser a verdadeira vocação do filho. Aos dez anos, Eugênio é, então, mandado pelos pais para estudar na cidade, e, posteriormente, a Congonhas para fazer o seminário e ordenar-se padre. A questão da aptidão eclesiástica era muito forte à época, e uma honra para os pais terem um filho padre. Ele acata a decisão, mas sente muita falta da amiga Margarida.

Começa aí o dilema moral de Eugênio. Não se aguentando de saudades, passa a escrever em pedaços de papéis que mantém em segredo, pequenos poemas dedicados à amada. Talvez esse comportamento por si só não poderia ser considerado desviante. Porém, como estabelecido por Becker (2008) e mencionado anteriormente, é a atitude de quem impôs a regra sobre o desvio que o caracteriza como tal. Ao descobrir os poemas de Eugênio, o padre regente o denuncia ao padre-mestre diretor, que, “cheio de assombro e altamente escandalizado” (Guimarães, 2004, p. 54), chama o menino para ser interrogado. “- Que hipócrita! - exclamava o padre, cheio de santa indignação. - Em tão tenra idade e já com o coração tão corrompido!...ah! velhaquete!... e andava-me aqui com carinha de santo!... que castigo merece uma hipocrisia tal!...” (*ibidem*, p. 55). Ao mostrar que a atitude de Eugênio era repreensível, o padre-mestre o coloca na posição de *outsider* das normas do seminário.

Voltando para casa nas férias, as duas crianças, agora já adolescentes e com os hormônios despontando, começam um namoro, ainda que infantil e inocente, que preocupa os pais de Eugênio com a possibilidade de ele não se ordenar. Ele, totalmente apaixonado por Margarida, “já se envergonhava de querer ser padre” (*ibidem*, p. 72), e, consciente do pecado que seu espírito e sua mente já cometiam, não via mais a possibilidade de tornar-se padre, pois, como disse à amada, “para ser padre é preciso que eu não olhe mais para você, que não te queira mais bem, e que nem me lembre de você... e isso é coisa que eu não posso, é teimar

à toa, não posso fazer” (*ibidem*, p. 77). Os dois fazem então um juramento para que, finalizados os estudos de Eugênio, eles não mais se separassem.

Forçado por seus pais a voltar para o seminário, o rapaz continuou sem paz no coração, dividido entre

essas duas tendências naturais de seu coração terno e entusiasta, [pois] o arroubo místico, contínua aspiração para Deus e para as coisas celestes, não excluía nele o amor por essa criatura, que é sobre a terra um dos mais belos reflexos do infinito poder - a mulher. É que de fato esses dois sentimentos tão puros, tão celestes ambos, nada têm de inconciliáveis em si mesmos, e somente uma lei meramente convencional, impondo o celibato como um preceito, imperativo, podia levantar entre eles esse odioso antagonismo, contra o qual a razão protesta e revolta-se o coração. (Guimarães, 2004, p. 125)

Bernardo Guimarães mostra, por meio de seu narrador, o pensamento anticlerical do Dezenove, além de afirmar a Igreja como um grupo que tem normas definidas, com sanções para quem descumpri-las, ratificando a tese de Howard Becker (2008) de que o desvio está mais para a punição do que para o ato cometido.

O pai de Eugênio, juntamente com os padres do seminário, muito preocupados, decidem que para separar o casal e fazer o filho cumprir seu propósito, teriam de fazer Margarida se casar com outro. Com a recusa dela em se casar, o pai de Eugênio se vê obrigado a mentir para o filho. Quando Eugênio recebe a notícia, ele fica abalado, desolado e magoado, como se realmente tivesse sido traído por Margarida. Percebe que foi tolo, que deveria ter seguido os caminhos da Igreja, sem distrações, como lhe disseram os padres e os seus pais.

Eugênio ordena-se padre, e volta para sua cidade natal. No mesmo dia, e sem saber que ele havia voltado, Margarida, sentindo-se mal desde que soubera da ordenação do amado, pede à sua tia para que chame o padre da cidade, pois precisa se confessar.

Por coincidência, o único padre disponível é justamente Eugênio. Quando os dois se encontram, ele descobre que ela nunca se casou, e ela descobre que ele realmente se ordenou padre. Só de vê-lo, Margarida já se sente melhor, e fica combinada uma visita no dia seguinte. Eugênio sabe que visitar Margarida mais uma vez seria perigoso para sua moral, que ele poderia cair em tentação, mas mesmo assim aparece na casa da amada no dia marcado. Os dois se abraçam, e o livro não deixa claro se houve algo a mais. Eugênio sabe, no entanto, que esse gesto seria reprovável pela Igreja, pois exclama “um momento de suprema felicidade!... depois o inferno! que importa!” (Guimarães, 2004, p. 167), demonstrando consciência sobre o pecado cometido.

Pode-se perceber que esse abraço já é suficiente para abalar a mente de Eugênio, porque, quando no dia seguinte ele vai celebrar sua primeira missa, cabe a ele fazer a encomendação do cadáver de uma mulher, e quando descobre que esta é Margarida, o jovem não consegue seguir com seus afazeres, e os fiéis “viram-no com assombro arrancar do corpo um por um todos os paramentos sacerdotais, arrojá-los com fúria aos pés do altar, e com os olhos desvairados, os cabelos hirtos, os passos cambaleantes, atravessar a multidão pasmada, e sair correndo pela porta principal” (Guimarães, 2004, p. 172). O narrador termina dizendo que Eugênio “estava louco...louco furioso” (*ibidem*, p. 172).

Escolheu-se analisar essa obra justamente pelo seu caráter ambíguo em relação ao concubinato de Eugênio. Para mostrar que o desvio da moral religiosa não necessariamente precisa ser com a conjunção carnal, mas a intenção de Eugênio, seus conflitos internos, suas ações pequenas (talvez até irrelevantes para outros grupos sociais) já o caracterizam, por serem condenáveis aos olhos da Igreja.

Eugênio tem um olhar inocente para com o mundo. Sofre de verdade com a difícil escolha de ficar com Margarida, mas decepcionar seus pais, ou ordenar-se padre, mas perder a amada. Esse amor impossível, que morre antes de consumado, é uma das características que coloca a obra ainda no Romantismo brasileiro. Manuel Trindade (1965) esclarece que, embora o padre na literatura ficcional não tenha surgido no Romantismo,

os românticos deram um lugar privilegiado ao Padre na literatura, inserindo-o numa perspectiva dramática. “O padre aparece como alguém que uma disciplina reputada cruel e desumana impede de seguir uma paixão que, então como no Romantismo posterior, ocupa o lugar central na vida do homem: a paixão amorosa”. Por isso, “o celibato é quase sempre a questão central” a abordar na vida do Padre, para os românticos. (Trindade, 1965, p. 109-111 *apud* Portela, 2014, p. 34)

Diferentemente de Eugênio, Amaro, personagem principal da obra de Eça de Queiroz, tem um caso com Amélia depois de ordenar-se padre, sabendo os valores da moral eclesiástica, mas pouco se importando com eles. Ainda assim, o celibato continua sendo uma das questões centrais da trama.

O Crime do Padre Amaro foi publicado originalmente em 1875, mas teve sua versão final publicada em 1880. É considerado o primeiro livro do Naturalismo português, apesar de temporalmente ter sido publicado durante o Realismo, e apenas três anos após a obra de Guimarães.

Amaro não tinha inclinação eclesiástica. Sabe-se que virou padre por conveniência, e pelo já mencionado prestígio que esse ofício tinha à época. É o estereótipo do padre

concubinado, o epítome do anticlericalismo. Foi enviado para o seminário por causa da Marquesa de Alegros, que “resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica” (Queiroz, 2008, p. 22), pensando que o menino era muito magro e amarelado para ir ao colégio. Na visão de Amaro,

Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepele: a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava ser padre. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos conservara o seu medo do inferno, mas perdera o fervor dos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas que comiam ao lado das fidalgas e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se fala baixo com as mulheres - vivendo entre elas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante - e se recebem presentes em bandejas de prata (Queiroz, 2008, p. 24)

Amaro, apesar de um pouco apático, fez amizades e foi bem sucedido durante o seminário. Porém, ainda que devoto a Deus, não suportava a vida eclesiástica. Depois de ordenar-se, por conta de seus contatos com a marquesa de Alegros e com políticos importantes, consegue uma transferência para Leiria, onde assume a sede do bispado.

Chegando na nova cidade, vai morar, por sugestão do cônego Dias, na casa de S. Joaneira. Lá, conhece Amélia, filha da dona da casa. Desde o primeiro contato, Amaro já descreve a moça com traços sexualizantes: “tinha um vestido azul muito justo ao seio bonito; o pescoço branco e cheio saía dum colarinho voltado; entre beijos vermelhos e frescos o esmalte dos dentes brilhava; e pareceu ao pároco que um buçozinho lhe punha aos cantos da boca uma sombra sutil e doce” (Queiroz, 2008, p. 45).

É importante salientar que Amaro só age em cima de seus impulsos porque vê o cônego Dias na cama com a senhora Joaneira, como se isso lhe desse uma espécie de autorização. Eça cria não só um, mas dois padres concubinados no romance.

O autor português é muito mais explícito que Guimarães ao descrever o relacionamento de Amaro e Amélia, e em mostrar que, apesar da culpa inicial e dos conflitos internos, o sacerdote não conseguia frear seus desejos e os admite para si mesmo:

Quando percebia a porta do quarto dela entreaberta, ia resvalar para dentro olhares gulosos, como para perspectivas dum paraíso: um saiote pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficara sobre o baú, eram como revelações da sua nudez, que lhe faziam cerrar os dentes, todo pálido. [...] Ao pé dela, muito fraco, muito langoroso, não lhe lembrava que era padre; o Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado ficavam embaixo, longe, via-os muito esbatidos do alto do seu enlevo [...] e só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço, ou morder-lhe a orelhinha (Queiroz, 2008, p. 71)

Diferentemente das obras românticas, o Naturalismo permitia que a paixão fosse consumada e mostrada no livro, mas ainda assim Amaro e Amélia tinham de viver às

escondidas. Por ceder aos seus desejos e trair a moralidade cristã-burguesa do celibato pré-marital, além de desrespeitar seu noivado com João Eduardo, Amélia é também desviante. Inclusive é ela quem começa a ter crises de consciência primeiro.

Talvez o ato mais imoral de Amaro na obra seja o fato de mandar matar seu próprio filho, quando Amélia engravida. Tanto para a Igreja, quanto para a sociedade em geral, esse ato constitui um desvio claro dos valores sociais vigentes não só no Oitocentos, mas até hoje. Nas palavras de Portela (2014),

Amaro não poderia sacramentar matrimônio com Amélia, tampouco poderia oficializar sua paternidade para com o filho de Amélia. Digamos que o “julgamento” a que é submetido Amaro é justamente pela incapacidade de assumir as “virtudes familiares” e, por razão disso, conduzir a amada e o filho a um fim trágico (Portela, 2014, p. 62)

Retomando as ideias de Kant, Amaro não faz o que é moralmente certo simplesmente por o ser, e muitas vezes age com uma moral própria, pensando nas vantagens que obterá.

O desvio de Amaro não ocorre somente porque ele se apaixonou por uma moça, mas ele se torna, para a sociedade, “um homem lascivo (aos olhos do pessimismo sexual cristão), mentiroso, ambicioso, infanticida, vingativo e cínico” (Portela, 2014, p. 71). Isso porque, como explica Becker, “uma pessoa recebe o status como resultado da violação de uma regra, e a identificação prova-se mais importante que a maior parte das outras. Ela será identificada primeiro como desviante, antes que outras identificações sejam feitas” (2008, p. 46). Assim, mesmo que Amaro tivesse características moralmente aprovadas pela sociedade, ele não seria reconhecido, em um primeiro momento, por elas.

Para realçar ainda mais a visão de Amaro como esse padre corrupto, Queiroz menciona diversas vezes os comportamentos reprováveis de Amaro, principalmente a sua ambição. Além disso, há na trama um padre que se opõe diametralmente à Amaro, o Abade Ferrão. Sem vícios nem qualquer característica reprovável pela Igreja Católica à época, o Abade deixa ainda mais clara a falta de virtudes em Amaro e a sua caracterização como desviante, pois mostra ao leitor um exemplo do padre virtuoso, seguidor da moral vigente.

2.3 A CULPA

Outro conceito que depreende-se das obras é o da culpa. Entre tantas possíveis definições, usa-se no presente trabalho as definições religiosa e psicológica da palavra. Para o dicionário Michaelis, aquela é “responsabilidade por ato de transgressão de preceitos religiosos ou morais; pecado”, enquanto esta é “consciência penosa por ter falhado no cumprimento de uma norma social ou moral”.

Embora culpados, pecadores, no viés religioso, o foco deste tópico é discutir a culpa como sentimento, como cada padre reage ao pecado, e não como responsabilização por uma violação de princípios pré estabelecidos (nesse caso, pela Igreja Católica e pela sociedade burguesa da época), um conceito jurídico.

Há diversas teorias que contemplam a origem do sentimento de culpa. Entre elas, a ideia de Freud de que a culpa começa na infância, quando a criança pequena sente medo de ser punida pelos pais, como também de perder o amor deles, já que isso resultaria em seu completo desamparo (Freud, 1976, p. 131).

Pode-se aplicar a ideia de Freud à culpa católica, uma vez que o devoto sente culpa quando decepciona seu “Pai”, Deus. Segundo Oliveira e Castro (2009), a Igreja Católica causava um conflito de consciência em seus fiéis, porque, ao trair esse Deus, viria o medo de não ser mais digno de seu amor, e da punição daquele a quem se teme. A culpa recairia sobre a consciência individual, e o fiel acabaria odiando a si mesmo, mais do que ao pecado. Assim, a culpa era utilizada, também, como ferramenta de controle pela Igreja.

Para Freud (1976, p. 128), “mesmo quando a pessoa não fez realmente uma coisa má, mas apenas identificou em si uma intenção de fazê-la, ela pode encarar-se como culpada.”. Desse modo, mesmo que Eugênio não tenha de fato consumado qualquer ato libidinoso com Margarida, apenas ter tido o pensamento já é o suficiente para deixá-lo louco de culpa. O personagem é, na verdade, consumido pela culpa desde criança, quando decepciona seus pais e os clérigos do seminário.

Quando Eugênio tenta se afastar de Margarida, pode-se perceber traços desse ódio a si mesmo, e, no final do livro, a loucura pode ser considerada, dentro do contexto apresentado, como a punição de Deus pelos desvios cometidos pelo padre.

Esse sentimento de angústia e autocrítica, porém, não necessariamente vem acompanhado de arrependimento.

Amaro, mesmo quando descrito cheio de remorsos ou preocupações depois de desviar de alguma norma, somente o faz porque teme perder seu prestígio e seus benefícios com a sociedade burguesa da região. Seu medo não é motivado por uma punição divina ou pelo fato de decepcionar as pessoas (ou Deus). Enquanto Amélia tem pesadelos porque é assolada pela

culpa católica, Amaro os têm porque não suporta a ideia de perder. Ele não teme o julgamento dos homens, e nem o divino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O padre é, até hoje, uma personagem marcante dos livros de ficção. No século XIX, por causa da cientificação e do movimento anti-clerical, ela foi apresentada muitas vezes como transgressora da moral vigente. É o que se pode observar nas duas obras analisadas no presente artigo.

Em *O Seminarista*, ainda há resquícios do amor romântico idealizado entre Eugênio e Margarida, enquanto em *O Crime do Padre Amaro*, a atração entre Amaro e Amélia é quase que puramente carnal e de conveniência, principalmente da parte do padre. Fatos que fazem sentido se observados os contextos socioculturais em que cada obra foi escrita.

Analisando-se as obras à luz das ideias de Howard Becker sobre o desvio, foi possível perceber que tanto Eugênio, menino que levava jeito para o seminário, que queria seguir carreira de padre, mas por circunstâncias da vida acabou se apaixonando por Margarida, sua vizinha, quanto Amaro, que tornou-se padre para obter vantagens próprias, e sempre pensou em seu bem-estar em primeiro lugar, são padres desviantes da moral católica e burguesa da época.

Conclui-se também que o desvio independe de punição, e que o simples pensamento transgressor já pode ser suficiente para fazer de um indivíduo um *outsider*.

Além disso, entende-se que a culpa está presente nas duas obras, mas de formas diferentes. Enquanto Eugênio é assolado pela culpa cristã, por ter pensamentos desviantes em relação à Margarida, ele também se sente culpado por ter acreditado na mentira de seu pai.

Já Amaro, apesar de sonhar com seus inimigos e acordar inquieto e incomodado, não se sente verdadeiramente culpado de nada, cometendo atos reprováveis não só pela Igreja, mas por toda a sociedade à sua volta, sem se arrepender ou tentar reparar seus danos.

Depreende-se, por fim, que o desvio da moral e a culpa não estão intrinsecamente ligados, pois o primeiro pode existir sem a presença da segunda. Apesar disso, a culpa ainda é muito presente nas duas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CULPA. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/culpa>. Acesso em 20/12/2023.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Seminarista**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

LEITE, Gislaine Martins. **O Pensamento Social Brasileiro no Século XIX: A Construção do Preconceito Racial**. 2016 UFMS v. 8 n. 15 (2016): Historiografia e Escrita da História

MORAL. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/moral>. Acesso em: 20/12/2023

OLIVEIRA, A.M. e CASTRO, E. G. PSico, **Entre Deus, a culpa e o pecado**. Porto Alegre, PUCRS, v. 40 , n. 2, pp. 253-259, abr./jun. 2009

PORTELA, Adriano. **O padre imoral : representação do padre concubinado na literatura** / por Adriano Portela. - 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2014

QUEIROZ, Eça de. **O Crime do Padre Amaro**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SANDEL, Michael J. **Justiça - o que é fazer a coisa certa**; [tradução de Heloisa Matias e Maria Alice Máximo]. - 13ª edição - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SANTOS, Cristian José Oliveira. **Padres, beatas e devotos: figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira**. Brasília, 2010. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, 2010.